




A CRIANÇA E A MÍDIA: UMA DELICADA RELAÇÃO.

Vívian da Silva Costa Vaz

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Helena Amaral de Fontoura.

**São Gonçalo.
2008**

A CRIANÇA E A MÍDIA: UMA DELICADA RELAÇÃO.



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada, ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Helena Amaral da Fontoura _ orientadora

Tânia Marta Costa Nhary _ parecerista

“O grande erro, durante décadas, foi o de se acreditar que a Televisão e a Escola eram rivais, eram concorrentes em conflito, podendo a TV um dia vir a substituir o professor e até mesmo outras matrizes geradoras de educação. Daí a recusa. Daí o temor”.

H. Bourges

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos os pais e educadores, que se empenham em dar a seus filhos uma melhor educação. A todos aqueles que se importam com o que a criança está interessada e se preocupam em 'alfabetizar' crianças para a leitura e análise do texto televisual.

Agradecimentos:

Agradeço em 1º lugar ao meu DEUS todo poderoso, quem me fez chegar até aqui e ir até lá, onde o futuro me levar nessa profissão.

Aos meus pais amados, irmãos queridos e avós maravilhosos, que sempre me apoiaram em minha trajetória. Obrigada por todo esforço e sacrifício. Amo vocês demais.

Ao meu marido lindo e especial, que tem e demonstra o maior orgulho de mim, no qual sinto a mesma coisa. Não sei o que seria de mim, sem a ajuda dele. Te amo, Mô.

À minha segunda família “os Bossan”, pessoas que sempre se empenharam em me ajudar no que eu precisasse. Muito obrigada! Amo vocês.

A todos os meus familiares e amigos, obrigada pelos momentos maravilhosos!

RESUMO:

Esta pesquisa pretendeu compreender a relação da criança com a mídia e suas influências e a relação dos pais como mediadores entre ambos. Sabemos que a televisão e outras formas de mídia visual desempenham um enorme papel na vida diária, particularmente na vida das crianças. Embora a televisão atue na educação e socialização das crianças, muitas vezes a criança tende a imitar e observar o que vê, pois essa é a sua principal forma de aprendizado, e não é surpreendente que elas imitem o comportamento que vêem na televisão, iniciando já aos 14 meses de idade. Embora as crianças imitem os comportamentos sociais positivos que observam na mídia, também imitam os comportamentos violentos e inadequados. Como caminho metodológico, optei em analisar essa questão realizando uma pesquisa através de um questionário, entregue aos pais de crianças de até 8 anos, com perguntas referentes à televisão, como ela é usada dentro das suas respectivas casas. Uma vez que a televisão é um professor tão poderoso, fica evidente que ela deve ser capaz de ensinar coisas positivas e produzir resultados benéficos. Por isso os pais devem ensinar seus filhos a verem a TV, não proibindo, mas discutindo e refletindo a televisão enquanto fenômeno social.

Palavras-chave: Criança. Mídia. Educação.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Introdução.....	08
CAPÍTULO 1	
Televisão: um fenômeno social.....	12
1.2 - Televisão X Educação: um desafio para pais e educadores.....	15
1.3 - A influência da televisão sobre a criança.....	22
CAPÍTULO 2	
A pesquisa.....	26
CAPÍTULO 3	
Considerações finais.....	32
Bibliografia.....	34
Anexo	36

INTRODUÇÃO

O rápido desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, ao longo do século XX, modificou a forma como vivemos e a forma como as crianças aprendem a passar seu tempo. Talvez a mudança mais revolucionária para as famílias e as crianças tenha sido a invenção de um poderoso 'professor eletrônico': a televisão.

A televisão foi inventada em 1929, mas não foi produzida ou distribuída em massa até o final da II Guerra Mundial. Entretanto, já em 1938, seu impacto potencial sobre a cultura foi compreendido por um perspicaz observador, E.B.White.

Escreveu este autor, ainda naquele ano:

"Acredito que a televisão será o teste do mundo moderno e que nesta nova oportunidade de ver além do nosso campo de visão descobriremos ou uma nova e insuportável perturbação da paz geral ou brilho salvador no céu. Permaneceremos ou cairemos por causa da televisão" (Chagas, 2007, p.03).

Com essas palavras, White anteviu o enorme impacto que a televisão teria sobre a cultura e a sociedade.

Este trabalho pretende levar o leitor a refletir sobre a influência da mídia em relação ao desenvolvimento infantil. Observações serão focadas em questionários aplicados a famílias que tenham crianças menores de 8 anos, para a análise de como os pais lidam com a mídia em relação aos seus filhos. Barbosa (1999) diz que a família e a escola ainda desempenham um forte e importante papel na

formação da criança, e ambas podem e devem assumir a tarefa de aprender e de ensinar as crianças a aprenderem a assistir TV.

Acredito que seja preciso orientar mais os pais, não se pode deixar toda a responsabilidade para a mídia. Ora, os pais precisam assumir as responsabilidades de terem filhos e cuidar da educação, da boa formação dessas crianças. E, com diálogo, troca de informação, no sadio ambiente familiar, é possível avaliar os impactos da TV na formação das novas gerações.

Segundo Fernandes (2006, p. 20) vale ressaltar “*que a criança é produtora de cultura, e pode fazer um bom uso da mídia, mas esse uso também depende da intervenção do adulto, da nossa mediação e da nossa responsabilidade*”. O que vamos oferecer para que ela possa ampliar seu olhar e sua imaginação, criando cultura cada vez mais a partir de sua vivência com as pessoas e com os produtos culturais? Esse deve ser um dos desafios para todos nós educadores e pais.

Os educadores talvez mais do que outros profissionais sabem o poder didático que a imagem tem. A imagem tem o poder de criar e recriar a realidade independentemente do tempo e do espaço que se pretenda representar.

Pitta (2003) sensibiliza-nos dizendo que a programação oferecida ao público infantil em geral não leva em consideração a necessidade de uma fundamentação teórica da elaboração de elementos pedagógicos e/ou dos psicológicos, a não ser alguns programas específicos de TV, os chamados educativos. Na maioria das vezes, as nossas crianças assistem programas acima da sua faixa etária, sem que ninguém os comente ou reflita sobre eles e suas possíveis conseqüências no desenvolvimento infantil.

Por isso a importância de se, “*dominar a linguagem da televisão para não ser dominado por ela. Perceber os truques da telinha, compreender suas técnicas*

de persuasão, desmontar sua magia para ver como funciona” (BELLONI, 2001, p.68).

O contato da criança com a mídia é íntimo nos dias de hoje. A geração dos anos 90 em diante já nasce em meio a controles remotos, computadores, Internet, e acaba por incorporar esses meios no dia-a-dia com uma naturalidade surpreendente. A importância e a influência que esse contato pode exercer sobre a formação e a educação desse público precoce merece atenção.

A TV é hoje o principal veículo de entretenimento e interação com o mundo especialmente nos países subdesenvolvidos. Além de ser um transmissor de conhecimento, é uma opção mais barata de lazer. Por outro lado, os pais passam menos tempo com os filhos e é difícil controlar o tipo de informação que eles recebem.

A influência da TV é compreensível quando nos lembramos de como é que as crianças aprendem. Desde o surgimento da raça humana, as crianças aprenderam habilidades e valores observando os demais. Os bebês, por exemplo, desenvolvendo a linguagem imitando seus pais. As crianças são como esponjas em sua capacidade para absorver o conhecimento, exatamente desde o momento do nascimento. Com experiência limitada, elas se baseiam nos moldes para aprender a agir no mundo.

As crianças adquirem os valores da mesma forma. Através da observação e da imitação, bem como das interações por tentativa e erro, elas gradualmente aprendem o que é importante na vida e o que não é, o que tem valor, o que não tem.

Venho levantar questões para pensarmos sobre a convivência criança/mídia: como a TV influencia o comportamento infantil? Qual o papel de pais e professores nessa relação?

Estas questões irão me ajudar na construção deste trabalho que teve por objetivo mobilizar pessoas interessadas, como pais, educadores, profissionais e pessoas que lidam com crianças, na medida em que a intenção foi analisar e refletir sobre a influência da TV enquanto meio não somente de informação, mas como veículo educativo e também pensar sobre como tal influência poderá refletir no futuro da criança.

Verificar a influência da mídia em relação à formação da criança em seus aspectos emocionais, afetivos, cognitivos e na formação de valores e levar o leitor a perceber que a televisão prende a atenção e desenvolve, em certa medida, a memória e a imaginação, interferindo também nos valores.

CAPÍTULO 1 – Televisão: um fenômeno social

Toda criança recebe estímulos a todo o momento, dentro e fora do seu ambiente familiar. E tudo que ela recebe possivelmente refletirá no adulto que será amanhã. Os êxitos e as falhas no desenvolvimento da criança auxiliam na formação e na construção do caráter adulto. Assim, dependendo de quais estímulos a criança recebeu, combinados com suas predisposições genéticas, o resultado poderá ser um adulto qualitativamente mais saudável.

Além de entender a importância da educação familiar e do ambiente escolar, é preciso que se dimensione o papel desempenhado pela exposição da criança aos estímulos e à influência dos meios de comunicação, especialmente os eletrônicos.

Pela estrutura do mundo moderno, a criança passa muito mais tempo na companhia dos heróis da televisão do que com os pais ou professores. Milhões delas substituem a ausência familiar e compensam sua solidão pela companhia de uma tela colorida, ágil, múltipla e sempre presente e disponível. Os modelos de identificação, positivos e negativos, acabam emergindo desse conjunto de influência. É nessa circunstância que se situa a importância social da televisão. Atrevo-me a dizer que ela deve ser tratada com a mesma preocupação referente à vida familiar saudável e à escola eficaz.

Da mesma maneira que família e escola, também a televisão desempenha papel importante no desenvolvimento do indivíduo. Uns e outros são, portanto, decisivos na formação da própria sociedade do futuro. Uma má programação de televisão como um mau pai ou um mau professor, pode se juntar decisivamente a circunstâncias pessoais das crianças para se constituir em um fator patogênico.

Interações sutis repetitivas patrocinadas por programas de televisão podem ter influência, tão decisiva quanto os fatos da vida real.

Cabe, portanto, uma responsabilidade especial aos pais, que, nos seus lares, podem determinar com que ênfase os sistemas de controles, que evitam distorções de conteúdos e inadequações nos horários de transmissão, podem ser estabelecidos e dessa maneira determinar, em última análise, que programas poderão exigir das emissoras. Com seu potencial para representar uma alavanca para a educação e a promoção do desenvolvimento do indivíduo, a televisão precisa ser canalizada neste sentido. Está em jogo a formação de gerações de jovens, que, poderão ser nossos alunos, filhos ou netos.

“Queiram ou não os pais, os professores, os intelectuais; queiram ou não a família, a escola, a igreja, os partidos, a TV vem se constituindo em um poderoso instrumento de divulgação e integração de informações, conhecimentos, revelando-se como fonte de diálogo e interação. É preciso ‘alfabetizar’ crianças para leitura e análise, em vários níveis, do texto televisual, como se faz com o texto escrito, que deve ser lido, analisado, compreendido e criticado”. (ROCCO in PARENTE, 1999:56).

Penteado (2000, p.116) concorda dizendo que *“o texto televisivo é, sem dúvida, algo amplamente disseminado na vida de todos nós, por isso é impossível ignorá-lo. É o texto a que a população tem acesso. Acesso amplo, irrestrito e prazeroso”*. Por isso, tanto com as crianças menores quanto com as maiores, é preciso analisar a TV partindo da experiência pessoal de cada um e da percepção que têm do mundo em que vivem.

Com crianças menores é possível explorar e analisar desenhos e programas infantis e documentários próprios da idade e ainda comerciais.

Segundo Gentile (Nova Escola 2006, p.44), a TV usa ação, imagens e sons especialmente selecionados para prender a atenção das crianças. Os alunos certamente permanecem de olhos grudados nela em tempo igual ou superior ao que ficam na escola. De acordo com um estudo feito em 2004 pelo Ateliê da

Aurora, que é um projeto de extensão da Universidade de Santa Catarina, se constatou que assistir televisão era a atividade mais marcante da rotina das crianças de todos os contextos sociais. Foram entrevistados alunos de uma escola particular de elite e de escolas públicas localizadas em favelas. Por isso pais e professores devem estar atentos ao que podem aproveitar das telinhas e não somente rotulá-la como a raiz de todos os males.

Segundo Rocco (Nova Escola, 2006, p. 46) *“Se ela fosse tão influente na atitude das pessoas, bastaria termos uma TV perfeita para vivermos na sociedade dos sonhos”*. Existem os programas violentos, os que veiculam valores distantes do que os educadores e pais querem passar aos alunos e filhos e os que tratam a realidade de maneira simples ou equivocada. Mas, todos se bem administrados por ambos, poderão propiciar momentos de aprendizagem e reflexão.

Lima (Nova Escola, 2006, p.47) diz:

“A linguagem que a TV usa, imagens em movimento, coloridas, trabalhadas com cortes e fusões e envolvidas em trilhas sonoras especialmente escolhidas, mobiliza o sistema límbico, estrutura do cérebro responsável pelas emoções, o que leva a um estado de atenção concentrada. Alguns programas ainda desafiam a imaginação ao propor questões e não dar as respostas imediatamente”.

Estimular as crianças a opinar sobre os programas e chamar atenção deles para cada detalhe, ajuda a criança a perceber as diversas possibilidades do meio.

Guimarães (2001, p.108) diz *“que é necessário haver a mediação do professor, que estará sempre entre o aluno e o meio de comunicação, promovendo e incentivando leituras críticas do próprio meio, das suas práticas de linguagem e dos conteúdos por ele veiculados”*. A qualidade dos programas, em geral, satisfaz os interesses e as necessidades imediatas das crianças. A televisão transmite conhecimentos sobre as pessoas e o mundo que as cerca através de imagens novas, que dão prazer e divertem a criança sem que esta faça qualquer esforço. O processo é direto e mecânico.

1. 2 - Televisão X Educação: Um Desafio para Pais e Educadores

O impacto dos veículos de comunicação de massa na vida da criança, assim como a influência que exercem nos modos de recepção, e interpretação do mundo são fatores que justificam uma abordagem, como meio pedagógico e de informação desses veículos. A educação é algo feito de pequenas e constantes orientações, mais intensas na infância e, de forma diversa, do intenso ao moderado, ao longo de toda uma vida.

As pessoas que têm a responsabilidade de cuidar/educar crianças na faixa etária de 0 a 8anos desempenham um papel fundamental no processo de desenvolvimento infantil, pois servem de intérpretes entre elas e o mundo que as cerca. Ao nomearem objetos, organizarem situações, expressarem sentimentos, os adultos estão cooperando para que as crianças compreendam o meio em que vivem e as normas da cultura na qual estão inseridas.

Felipe (1996) diz que *“na interação entre o sujeito e o meio se dá à idéia de construção, ou seja, não nascemos prontos e também não ficaremos prontos de fora para dentro, como se o ambiente fosse uma força tão poderosa que nos moldasse completamente”*. O que somos, o que pensamos, como pensamos, o que sentimos, a forma como exercitamos nossa inteligência é construída através das trocas entre nós e o meio. Isso quer dizer que o conhecimento, a inteligência, a aprendizagem se dão através dessa interação. Dentro dessa perspectiva, as crianças não seriam passivas, meras receptoras de informações. As suas reações às descobertas mostram o objetivo de explorar a realidade que as cerca para melhor conhecê-la.

Conhecer implica então organizar, estruturar, entender e, posteriormente, explicar. Significa inserir o objeto do conhecimento em um sistema de relações, partindo de uma ação executada sobre esse objeto. Portanto, a capacidade de conhecer, de aprender, se constroem.

Para Davis e Oliveira (2001), a aprendizagem é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos. Nas inúmeras interações em que se envolve desde o nascimento, a criança vai gradativamente ampliando suas formas de lidar com o mundo e vai construindo significados para as suas ações e para as experiências que vivem. Reconhece-se, dessa maneira, que as pessoas, em especial as crianças, aprendem através de ações partilhadas mediadas pela linguagem e pela instrução.

Muitos anos antes de entrar na escola, a criança já vêm desenvolvendo hipóteses e construindo um conhecimento sobre o mundo, e isso é facilitado pelos meios de comunicação de massa, no qual as crianças já são na maioria das vezes expostas desde muito pequenas. A tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores. A criança não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais. É através dessa interação com outras pessoas, adultos e crianças que, desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características (seu modo de agir, de pensar, de sentir) e sua visão de mundo (seu conhecimento).

Nessa interação, fatores internos e externos se inter-relacionam continuamente, formando uma complexa combinação de influências. E é a partir dessa interação da criança com o mundo físico e social que as características e

peculiaridades desse mundo vão sendo conhecidas. E é nesse momento, que o adulto deve colaborar para uma melhor leitura de mundo da criança.

Para Vigotsky (1999a) o processo de formação de pensamento é despertado e acentuado pela vida social e pela constante comunicação que se estabelece entre crianças e adultos. A linguagem intervém no processo de desenvolvimento intelectual da criança praticamente já desde o nascimento. Quando os adultos orientam as crianças, no aprender a ver televisão, por exemplo, ela constrói formas mais complexas e sofisticadas de conceber a realidade.

Vigotsky (1999a) afirma que a criança já nasce num mundo social e, desde o nascimento, vai formando uma visão desse mundo através da interação com adultos. Sozinha, não seria capaz de adquirir aquilo que obtém por intermédio de sua interação com os adultos. Este autor aponta a importância do pensamento e o quanto ele está relacionado ao desenvolvimento da linguagem. Para o pensador, a linguagem amplia o universo humano, reflete o mundo externo, como também desenvolve a consciência. A fala possui uma função conceitual que se desenvolve e se enriquece com a evolução dos processos psíquicos. A palavra é considerada por ele como símbolo, é através dela que a criança se torna socializada e também desempenha um papel importante, facilita o desenvolvimento na formação dos conceitos.

Quando analisamos, por exemplo, as linguagens dos desenhos animados modernos, podemos observar que as palavras mais usadas são: destruir, atacar, força e poder, com muitas repetições. E as crianças repetem enquanto brincam. Quais são os valores que estão sendo apreendidos?

Os valores são fatores centrais na determinação de objetivos e projetos de vida e representam importantes norteadores do comportamento. Eles ajudam a ordenar o mundo e a orientar a ação individual no meio cultural, influenciando a

forma de perceber e de significar as experiências que se vive. Pode-se, portanto, considerar os valores como sistema de regras que definem, explicam e dão sentido à atuação humana. Os valores são construídos pelas crianças, ao longo das interações que elas mantêm com adultos e companheiros mais experientes, em situações variadas.

Muitas vezes a TV erroneamente, mostra valores diferentes do que queremos e vivemos, para as crianças, por isso o adulto deve estar sempre pronto a intervir e orientar a criança, pois é de fundamental importância que os pais e educadores procurem conhecer, compreender e ajudar as crianças a elaborar os seus sistemas de valores. Ao longo desse processo, a criança aprende a gerar normas de ação, a discriminar as regras que se aplicam às determinadas situações e a agir de acordo com a regra selecionada. Nesse momento, a consciência e o comportamento moral maduro terão sido alcançados.

A forma de pensar das crianças depende das condições oferecidas pelo mundo à sua volta: as atividades culturais disponíveis no ambiente, os interesses da família e da escola, os bens materiais aos quais se tem acesso e o papel desempenhado por adultos e professores. Aos poucos, o aprendiz vai construindo os conteúdos do seu pensamento e desenvolvendo uma forma de pensar que nada mais é do que o produto da ação conjunta de todos esses fatores.

“É na relação com os adultos que a criança vai desenvolver os seus esquemas (perceptuais, motores, cognitivos, lingüísticos) e sua afetividade. A presença do adulto dá à criança condições de segurança física e emocional que a levam a explorar mais o ambiente e, portanto, a aprender”. (DAVIS e OLIVEIRA, 2001, p.56).

Piaget nos alerta sobre o desenvolvimento cognitivo porque, segundo o teórico, ele acontece desta forma; *“paralelo ao desenvolvimento das estruturas cognitivas ocorre o desenvolvimento das estruturas afetivas”* (WADSWORTH, 1997, p.62).

Devemos pensar no código moral que poderá ter o grupo de crianças, que na grande maioria das vezes assistem em suas casas a aproximadamente umas três horas de desenho. Há alguém com as crianças, orientando-as, explicando esse mundo irreal? Nessa hora o adulto deve estar preparado para instruir a criança diante desse mundo que é fantástico e diferente da realidade, na maioria das vezes.

Piaget (Wadsworth, 1997) diz que a moral é inata na criança, ela aprende numa construção evolutiva e aprendida nas relações com o grupo social. Ela vai aprendendo a agir em conformidade com o código moral do grupo no qual está inserida e nos contatos, nas trocas de idéias com as pessoas desse grupo. Fala, regras, leis e ética são conhecimentos sociais. Como a moral é menos crença e mais hábito e tradição, a preocupação de pais e educadores deve estar centrada na moral da mídia e em suas influências.

Ainda segundo Piaget, a imitação é o primeiro passo para o aparecimento do esquema simbólico da criança e a partir dele é gerado o comportamento simbólico: a criança brinca sem que ela tenha necessidade do objeto ou de que a pessoa imitada esteja presente. O jogo simbólico é espontâneo, serve para transformar alguma coisa real naquilo que é desejado. A criança imita seus super-heróis em casa, no pátio da escola e o mais preocupante é que eles sabem que eles têm longa vida, tem poderes. E é nesse momento que um olhar mais criterioso deve ser mantido pelos pais e educadores.

Para desenvolverem sua personalidade, as crianças precisam de exemplos mais consistentes. Ao decodificar a linguagem e motivações da indústria cultural, o professor mostra como neutralizar a influência negativa, permitindo que cada um seja ele mesmo e não uma imitação do que a mídia veicula.

Ferrés (1998) diz que a televisão, de alguma forma, substitui a função maternal, além de ocupar destaque dentro do lar. Muitos pais não têm tempo, por trabalharem muito, de orientarem seus filhos, que estarão em frente à TV, na parte da manhã, depois que voltam da escola e até a hora de dormir, pois chegam exaustos e procuram naquele tempinho que tem realizarem outras coisas que consideram mais importantes. A maioria dos pais, embora se preocupe com o que seus filhos assistem na TV, não questionam ou mesmo não sabem como proceder efetivamente em relação aos assuntos ou programas apresentados.

O mal não está só na televisão, mas sim no que não está sendo feito para que as crianças vivenciem momentos lúdicos mais saudáveis.

"No caso das crianças, a substituição das brincadeiras ativas pela passiva assistência de programas de TV, ou pela interação com os games influencia perniciosamente, pois desenvolve e fixa mecanismos de resposta compatíveis com os estímulos decorrentes desses passatempos: a violência do 'mocinho' é justificada como resposta à violência dos "bandidos". Assim, os automatismos-reflexos da ação física se transferem para a aplicação de conceitos que são incorporados pelas crianças às suas atitudes, deixando de lado conceitos socialmente desenvolvidos como ética, justiça e outros valores humanos, por exemplo." (FREIRE in PARENTE, 1999, p.22).

Os pais poderiam sentar e ver TV com seus filhos, planejando com as crianças o que assistir e esclarecer possíveis motivos de proibições. E os educadores poderiam levar para a sala de aula informação (surgida na novela, na notícia impressa, no filme ou no desenho animado), e discutir sobre eles, com os alunos menores, em termos de que o que se está assistindo é verdade ou fruto da imaginação. Incentivar o diálogo entre os alunos leva-os a exercerem a convivência, a expressão, a socialização e o respeito às diferentes idéias.

Freire (1999) diz que as dificuldades de comunicação limitam a percepção da realidade do indivíduo, por isso o professor, ou todo aquele que educa, deve estar pronto para partilhar, associar, trocar opiniões, transferir pensamentos e sentimentos. Analisando-se as situações, pode-se enriquecer a capacidade crítica

dos alunos, instrumentalizando-os para fazerem suas opções diante da vida. Essas técnicas podem ser ensinadas aos pais para dialogarem com os filhos sobre o que surgir na mídia. Para facilitar a tarefa dos pais, os professores podem discutir com eles publicações, programas etc.; incentivando-os a fazerem o mesmo em casa.

Referindo-se aos meios de comunicação de massa, Teves Ferreira afirma:

“Mediante pesquisas de opinião, de estudos de expectativas, os meios de comunicação de massa, combinam informações sobre as necessidades materiais e simbólicas do grupo-alvo, seus sonhos, seus anseios, suas crenças e fantasias das massas. É daí que procede a materialidade do seu discurso, seus roteiros de novelas, seus anúncios, a seleção de seus filmes, a organização das notícias. Mediante alegorias, metáforas, elucidações, as máquinas de sedução vão tocando todo tempo nosso campo simbólico, nossos ideais, nossos sagrados, nossas utopias. O discurso imagético que cada vez mais insinua, sugere o objeto sem representá-lo diretamente, é tanto mais aceito, fortalecido e sedutor, quanto mais ele remete às crenças, aos mitos, às fantasias, às necessidades reais e imaginárias da população. Na combinação desses elementos é que ele constrói a sua sedução, criando novos desejos, informando sobre fantásticas formas de satisfazer necessidades elementares, ou seja, um supra-real aparece como o ‘real-ideal’, levando consigo as nossas resistências racionais. Essa parece ser a malha fina de captação do imaginário social”.(1992:21)

Mediante essa citação, devemos refletir: a escola deve usar as *necessidades reais e imaginárias da população, tentando seduzir e encantar os estudantes pela construção do conhecimento?* (GUIMARÃES, 2001:27).

O professor deve estar atento aos desejos de seus alunos e observar o que mais está chamando sua atenção; como sabemos, os meios de comunicação encantam e influenciam as crianças, por isso ele deve estar pronto para administrar isso em sala de aula. Ele deve encontrar meios para encantar seus alunos pelos conhecimentos “velhos” e os “modernos”, para que a sala de aula não seja um lugar de cansaço e nem ineficácia. Temos que tentar instituir nas escolas esses discursos dos meios de comunicação em massa, porque para a maioria é o que mais está chamando a atenção no momento.

1.3 - A Influência da Televisão Sobre a Criança

No Brasil existe uma enorme dificuldade em unir educação e televisão. Chagas (2007) alerta que *“A função educativa das emissoras de televisão foi regulamentada em fevereiro de 1967, pelo Decreto-lei 236. E desde então se questiona como estimular a comunicação e a educação, tendo em vista os interesses financeiros dos canais privados”*. As empresas privadas responsáveis pelas mídias veiculam programas que revertam em lucro. Para ter lucro é preciso ter audiência. Como relata Netto (1972) a capacidade de reproduzir uma mesma mensagem para uma grande massa de pessoas é a característica essencial da comunicação de massa. O autor ressalta a característica típica dos meios de comunicação de massa, de atingir ao mesmo tempo uma vasta audiência, composta por um público diversificado de pessoas.

De acordo com o artigo 221 da Constituição Federal que afirma que:

“a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família - bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente” (CHAGAS, 2007).

Na prática muitas coisas não acontecem. As instituições privadas no Brasil agem de acordo com interesses financeiros e comerciais. A sociedade sem escolha e sem meios para se defender daquelas programações que de fato contrariam o artigo 221 aceita o que é oferecido pelos canais de televisão.

Guimarães (2001, p.108) alerta que:

“as reflexões e análises sobre o papel e função da TV nas sociedades contemporâneas apresentam-se sob variadas tendências, indo da mais acrítica aceitação do veículo até a crítica mais contundente, que diz respeito à alienação e reprodução das situações de dominação que a televisão promove e acentua”.

Devemos estar atentos, pois pela procura desesperada de audiências imediatas e fiéis, os meios de comunicação desenvolvem estratégias e fórmulas de sedução, cada dia mais aperfeiçoado. Por isso os pais e educadores precisam observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-los em suas casas e em sala de aula, discutindo-o com os alunos e filhos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto.

Sabemos que a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo e até a si mesmo. Ela sente, fantasia, relaxa, vendo e ouvindo as pessoas da tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia é prazerosa e ninguém a obriga a assistir, é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa, aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam.

Segundo Moran (1994, p.126),

“A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, se deve à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes - imagens, fala, música, escrita – com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdos e ética pouco precisos. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Todos os sentidos são acionados. Todo o nosso ser é atingido, não só a inteligência. Daí a sua força”.

Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma, mais fácil, mais agradável. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia educa enquanto estamos nos divertindo. A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens. Segundo Pacheco (1998) *“aprender o alfabeto da TV resulta algo parecido a aprender ouvir música, a ver um espetáculo, um filme, uma pintura”.*

A criança já chega à escola com os processos fundamentais de aprendizagem já desenvolvidos de forma significativa, educação essa feita pelos pais e pela mídia, essa aprendizagem deve ser incentivada pelos pais desde o começo de suas vidas, através dos estímulos, das interações, do afeto. Vigotsky (1999b) diz que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas fundamentalmente, uma relação mediada. De acordo com Moran (2002) *“a televisão alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que as crianças levam para a sala de aula”*.

Os pais e educadores devem estar preparados para exercitarem o papel de mediadores há todo momento, entre a criança e o meio, para proporcioná-las experiências significativas e não só criticá-la como um meio perigoso de informações. Guimarães (2001) nos alerta que *“a desconfiança se manifesta (pelos pais e educadores) por meio de um tipo de crítica que considera que a produção televisiva é vazia, sem conteúdo, repleta de mecanismos ideológicos para, em última instância, reproduzir a lógica capitalista”*. Mas sabemos que a influência da TV na criança dependerá de como ela é utilizada.

Penteado (2000, p.97) diz *“que a criança aprende com a TV o modo de falar, slogans, padrões de comportamento, modos e/ou parâmetros de julgamento, informações, padrões de análise”*. Por isso a importância de um acompanhamento de perto dessas crianças. A televisão vem exercendo cada vez mais marcante influência sobre a imaginação, fantasia e comportamento da criança. Suas atitudes são freqüentemente modificadas pelo que recebem como estímulos nos programas de televisão quando assistidos freqüentemente. Esses estímulos podem, no entanto, transformar-se em úteis ou prejudiciais.

Para que essa influência se torne acentuada e profunda sobre a criança, é necessário que os estímulos recebidos pela televisão sejam aceitos e se somem as

situações previamente adquiridas no decorrer de seu desenvolvimento no seio da família e no grupo social. A televisão faz a criança aprender, exatamente porque ela é participante, e o aprendizado está sempre em função do que é apresentado a ela. Ela grava e imita cenas, repete “bordões” falados em novelas e propagandas. Por ser participante, pode mudar seus gostos e até influir sobre a família nestes gostos.

Os pais devem manifestar-se; os professores, os médicos e psicólogos devem ajudar a provar que a televisão pode ser de muita utilidade, mas, também pode ser muito perigosa.

CAPÍTULO 2 - A pesquisa

Este trabalho é uma pesquisa exploratória que pretende lançar algumas luzes sobre o tema proposto. Como caminho metodológico optei pela entrega de questionários abertos, para famílias com crianças menores de 8 anos, para um aprofundamento de como os pais, mediadores entre a criança e o meio estão contribuindo para uma melhor relação da criança com a mídia.

Com intuito de refletir conseqüências da relação entre criança e mídia buscou-se verificar a mediação e intervenção de pais nessas circunstâncias. Foram entrevistadas 15 famílias de classe média e baixa. Pessoas conhecidas e desconhecidas por mim. Quase todos os pais trabalham fora, poucas mães ficam em suas casas durante o dia. Todos os pais se interessaram em responder aos questionários, pois consideraram importantes essas indagações feitas através do questionário. Esta verificação foi realizada através de questionários elaborados para pais de crianças de até oito anos de idade, limite da infância em que a “imitação” faz-se, mais que presente, torna-se elemento da formação da personalidade da criança. Retornando a Piaget (1997), que diz que a imitação é o primeiro passo para o aparecimento do esquema simbólico da criança e a partir dele é gerado o comportamento simbólico: a criança brinca sem que ela tenha necessidade do objeto ou de que a pessoa imitada esteja presente. O jogo simbólico é espontâneo, serve para transformar alguma coisa real naquilo que é desejado.

A partir de pesquisas teóricas articuladas à situação atual da TV no cotidiano, diversos questionamentos emergiram. Dentre eles, Uma das questões levantadas refere-se aos modos como pais decidem os programas que os filhos devem assistir. Os resultados obtidos indicam que a atitude primordial é ver o

programa e observar as condições de apropriação para seus filhos. Através da referida atitude cria-se a possibilidade de pais perceberem a importância de assistirem aos programas junto com os filhos, pois têm a oportunidade de saber o conteúdo que estão assistindo e devem complementar essa atitude dialogando, discutindo com as próprias crianças.

Ela ainda bebê, já me preocupava com isso. Assim, comecei a pagar uma TV por assinatura para ficar mais tranqüila e permitir, hoje, que ela faça as suas escolhas. Pois criança sabe o que é bom, não foi preciso impor, ela elegeu seus canais preferidos (Discovery Kids e TV Cultura) (Michelle e Leandro).

Procuro conversar com ela, e mostrar o que é permitido e não é. (Elaine)

Pais devem estar atentos nesse momento de escolha, *“pois a televisão pode nutrir a imaginação da criança, se a experiência for guiada por eles, ajudando-a assisti-la criticamente e a compreender as suas linguagens”* (Pitta, 2003, p.48).

O grupo de pais que assume participação efetiva na decisão de programas compatíveis à idade ou interesse infantil demonstrou estar atento à influência da TV no desenvolvimento de seus filhos. Outros, porém, atribuem a função exclusiva de escolha às próprias crianças tomando-as como detentoras de autonomia e consciência desde pequenas, sem promover nenhuma forma de mediação.

Não censuro programas para o meu filho assistir. Meu filho, automaticamente, já escolhe programas infantis. (Michele)

Não tem regras (Cláudia e João)

Não existem regras, pois não é preciso impor limites (Michelle).

Mediar, nesse sentido, também significa perpassar por regras para assistir aos programas. Algumas delas mostraram-se comuns, pois pais determinam hierarquia de responsabilidades à ludicidade, ou seja, regram que primeiro seus filhos devem fazer as tarefas de casa determinadas pelas escolas para posteriormente ver TV. O que segundo Pitta (2003, p.78) é um fator positivo na reeducação de introduzir a mídia no cotidiano infantil, pois para *ela* *“o mal não*

está na televisão, mas sim no que não está sendo feito para que as nossas crianças vivenciem momentos lúdicos mais saudáveis”.

Sobre a atividade que deveria ser realizada antes de ver TV, pais responderam que seus filhos deveriam executar suas obrigações escolares, articulando limites à mediação.

Considera-se que a influência da TV está sujeita ao uso que os sujeitos fazem de sua programação, em outras palavras, o exercício de influência da TV depende de como ela é adaptada à vida particular da criança, fato que remete a outro questionamento que encaminha respostas à relação da criança com a mídia sobre quantas horas a criança passa em frente à televisão. Esta pesquisa conclui que seja por uma média entre 2 a 6 horas diárias o tempo dedicado pelas crianças aos programas televisivos. A essa questão Penteado (2000, p. 97) diz que “os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias, que computadas ao longo dos anos de vida indicarão entre os discentes de escolaridade inicial (de 1º grau) maior tempo de exposição à TV do que envolvidos com atividades escolares (aulas e estudos)“.

Essa característica habitual do cotidiano da criança se refere à extensão do tempo que passa assistindo à TV; o tipo de mediação adulta; e o conteúdo da programação, que incitam indagação sobre quais programas são mais assistidos nas casas dos sujeitos desta pesquisa. Entre a programação que compõe a preferência de parte considerável do público pesquisado têm-se desenhos e novelas. Como exemplo, os desenhos violentos, os modelos dos quais elas gostam e que são considerados atraentes são muito influentes.

Pitta (2003, p.68) afirma que a “*violência é o lema dos desenhos infantis (...) e que as formas subliminares de atingir as crianças são sutis, mas, são presentes nos diálogos dos personagens, nas trilhas de fundo e seus efeitos*”. Para ela as

crianças ficam anestesiadas, diante de tantos efeitos sonoros e plásticos. Compreende-se, portanto, que em seu desenvolvimento, a criança tende imitar seus heróis. Segundo Girardello (1999, p.04) *“Os heróis, heroínas e aventuras da TV são usados como matéria-prima da vida de fantasia das crianças”*. Tomando então a TV como fonte de referências é possível dizer que a criança pode transportar o que assiste na TV para a sua realidade e mais que a retomada da influência televisiva nos seus momentos simbólicos, a criança se desenvolve com essas referências, o que justifica a importância do olhar próximo dos pais.

Pacheco (1998, p. 06) alerta que *“é necessário unir esforços para se repensar as atividades lúdicas da criança, reorientando a utilização da TV, quer no lar, quer na escola, impedindo que ela seja mais um meio de escapismo às carências afetivas e ao isolamento das crianças”*.

Foi perguntado aos pais onde se localiza o televisor de suas respectivas casas, e a resposta com maior índice indicou que situa-se no quarto deles (pais) e na sala. Pitta (2003, p.74) alerta: *“Não transforme a TV no ponto central da casa. Evite colocar a TV no lugar mais importante. As famílias assistirão menos TV ou jogarão menos vídeo-game se os aparelhos não estiverem literalmente situados no centro de suas vidas”*.

Através dos exemplos dos pais, que as crianças aprendem mais significativamente. Por isso os pais devem dar o bom exemplo, através de sua moderação e discriminação ao assistir programas. Sendo cuidadosos quando as crianças estiverem por perto e possam estar observando seus programas. Girardello (1999, p.03) diz que *“a atitude dos adultos no ambiente em que a criança vive faz uma enorme diferença: a qualidade da vida imaginativa das crianças se beneficia de um ambiente favorável ao seu faz-de-conta”*. Moran (1994, p.05) concorda afirmando que *“no ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e*

emocionalmente, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens”.

Nesta pesquisa pais indicaram que o limite permitido à criança de assistir TV é até as 22h00min horas, o que aponta para a possibilidade de que cotidianamente as crianças se mantêm sentadas ou deitadas em frente do televisor, sob a influência das imagens transmitidas. Ficando tempo significativo do seu dia diante da TV, a criança acaba não elegendo outras atividades, tão importantes ao seu desenvolvimento, como brincar, conversar com outras crianças, exercitarem-se, atividades essenciais para seu crescimento emocional, cognitivo e físico. Para Felipe (1996, p.16) *“muitos adultos ainda não compreenderam a importância que a brincadeira e o brinquedo têm na vida e no desenvolvimento infantil, pois acham que brincar é uma coisa sem importância, algo não sério, pelo fato de não ser um trabalho”.* Para Vigotsky (1999a) o brinquedo preenche necessidades da criança. Necessidades que estão ligadas a tudo aquilo que é motivo de ação.

Diante desse quadro a pergunta foi sobre o que eles (pais), poderiam fazer para que seus filhos aprendessem a ver TV, e a maioria respondeu que ter diálogo, explicar e orientar sobre as coisas erradas passadas pela TV são atitudes essenciais para uma mediação eficiente. Segundo Pacheco (1998, p.06) *“Perceber o espetáculo pela TV na atualidade é tão necessário como aprender a ler e escrever”.*

Pais foram questionados sobre possibilidades do sentimento de culpa caso seus filhos assistam algo considerado inapropriado na TV, em horário proibido pela censura. Esse sentimento não participa das reflexões dos pais acerca da influência da TV no desenvolvimento de seus filhos, uns por se assumirem

atentos aos programas e mediarem essa delicada relação; outros por não atribuírem tanta responsabilidade à mídia na formação de seus filhos.

CAPÍTULO 3 - Considerações Finais

Captar a atenção de alguém e mantê-la não é fácil. E esse papel a televisão, faz muito bem. Principalmente, com as crianças, que tem suas atenções dispersas em poucos minutos, mas nesse caso ficam presas horas a fio assistindo TV. Os resultados obtidos, através das entrevistas indicam que os pais, dentro de seus lares, se preocupam com o que seus filhos estão assistindo. Poucos não entendem, ou não percebem o poder que a TV tem diante de seus filhos. Para o bem ou para o mal, dependendo de como essa mediação é feita.

A maioria das crianças passa mais tempo aprendendo sobre a vida através da mídia. A combinação de imagens, sons, movimentos atraem a criança, muito mais do que outros meios de comunicação. Seguramente é o meio que mais atinge as pessoas. Ela influencia muito nosso ambiente, nossos gostos e nossos valores. Mas, acredito que a solução, não é quebrar os televisores, ou impedi-los de vê-la, e sim olhá-la criticamente, separando o “joio do trigo”. É bem diferente assistirmos TV com um olhar crítico, conscientes, de assistirmos TV passivamente, só absorvendo tudo que ela nos diz. No caso das crianças, principalmente abaixo dos 8 anos, é isso que ocorre, pois elas ainda estão formando sua personalidade e suas opiniões.

Seria bastante benéfico se houvesse uma preocupação maior da mídia com a formação educacional. Programas voltados de maneira geral para o público infantil, programas que explorassem o raciocínio e despertassem cada vez mais a sabedoria, levando a elas instruções e dicas para serem aplicadas no seu dia-a-dia. As tecnologias ajudam a desenvolver habilidades criadoras, desenvolve potencialidades, ajudam a uma melhor compreensão da realidade. Através de movimentos, imagens, sons, que fascinam a todas as pessoas, principalmente as

crianças. Por isso pais e educadores devem estar preparados, para perceberem o que sensibiliza seus filhos e alunos, e usar isso em favor de uma educação para a mídia. Para desenvolverem uma postura crítica em relação ao que assistem e consomem, e não só analisá-los ou discuti-los.

A mídia precisa ser mais bem explorada e entendida como produtora de significados. Que as crianças amam essa experiência televisiva, a maioria já percebeu, neste cenário só há uma saída para pais e educadores que queiram realmente formar cidadãos e este caminho não é o de apagar a telinha ou simplesmente o de mudar de canal. A imagem é um texto e como tal precisa ser refletida, analisada, criticada em conjunto pelos seus usuários para impedir que, o que não tem valor, continue sendo explorado de forma tão indevida pela mídia.

Bibliografia:

- AURORA, Ateliê da. *Criança, mídia e imaginação*. UFSC, Florianópolis. 2004.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é Mídia-educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BARBOSA, Ana Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, M^a de Lourdes T. *Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CHAGAS, Luciana. Matéria: *Educação na TV: Modos de usar*. Revista Fazendo Media. RJ, Abril de 2007.
- DAVIS, Claudia, OLIVEIRA, Zilma. *Psicologia na educação*. São Paulo: Cortez, 1994- 2^a ed.
- FELIPE, Jane. *Das pequenas violências diárias nas escolas infantis*. In: *Coletâneas do PPGEDU*, Porto Alegre, vol. 2, n.4, p. 85-93, jan./fev. 1996.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. Artigo: *A criança e a mídia: produzindo cultura*. Jornal "a Página", n.160. Outubro, 2006.
- FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GENTILE, Paola. Matéria: *Ligue a TV*. Revista Nova Escola. Editora: Abril. Janeiro/fevereiro de 2006, nº189.
- GIRARDELLO, Gilka. *A imaginação infantil e as histórias da TV*. Texto apresentado na 1^aJornada de Debates sobre Mídia e Imaginário Infantil. 1999.
- GUIMARÃES, Gláucia. *TV e Escola: Discursos em confronto*. São Paulo, Cortez, 2001. 3^a ed.
- LIMA, Elvira Souza. *Neurociência e Aprendizagem*. Ed. Sobradinho 107.
- MORAN, José Manuel. Artigo: *Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento*. Revista INTERCOM. São Paulo, Vol. XVII, N. 2, 1994.
- NETTO, Samuel. *Comunicação de Massa. Natureza, modelos, imagens*. São Paulo. 1972.
- PACHECO, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos*. Campinas: Papyrus, 1998.
- PARENTE, André. MACHADO, Arlindo. FARIA, Lia. FREIRE, John Wesley. ROCCO, Maria Thereza. VAZ, Paulo. FIGUEIREDO Vera Follain de. (Orgs.) *Mídia e Educação*. Rio de Janeiro, Gryphus-1999. Volume IV- Educação em diálogo.

PENTEADO, Heloísa Dupas. *Televisão e Escola: conflito ou cooperação?* São Paulo, Cortez, 2000. 3ª ed.

PITTA, Tercia de Tasso Moreira. PEÑA, Maria de Los Dolores Jimenes (org.) Artigo: *A Mídia pode tudo e a Criança acha que pode*. Caderno de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo, v.3, nº1, 2003.

TEVES FERREIRA, Nilda (org). *Imaginário Social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus/Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1997.

VIGOTSKY, L.S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 a.

----- . *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

QUESTIONÁRIO:

1. Como você decide quais programas seu filho poderá assistir?
2. Quais são as regras para assistir aos programas?
3. Por quantas horas por dia seu filho vê televisão?
4. Alguma atividade deve ser realizada antes de ser permitido assistir televisão?
5. Onde está (ao) o(s) seu(s) televisor (ES)?
6. Até que horas seu filho assiste TV?
7. Quais são os programas mais assistidos na sua casa?
8. O que você acha que pode fazer, para que seu filho aprenda a ver TV?
9. Quando seu filho vê algo inapropriado na TV você se sente culpada (o), de tê-lo deixado diante dela, em horários não permitidos pela censura?